

# humanitas

Vol. XI-XII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*Vols. 8 e 9*  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. VIII E IX DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. XI E XII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLIX-LX



## INSCRIÇÃO TIPO «PORCOM» E ARAS ANEPÍGRAFES DO CABEÇO DAS FRÁGUAS (GUARDA)

O castro do Cabeço das Fráguas encontra-se a uns quinze quilómetros da cidade da Guarda, a uma altitude de mil e quinze metros do nível do mar.

O Cabeço, alto e isolado, eleva-se no planalto, próximo de um triângulo que tem por vértices as povoações de Benespera, Pega e Pousofoles do Bispo, no concelho da Guarda. Do alto disfruta-se extenso panorama, vendo-se esta cidade, a Covilhã, e outros castros, entre eles o do monte de S. Cornélio.

São muitas as lendas conservadas na cidade da Guarda e seus arredores relativas a este castro e àqueles que em tempos remotos habitaram o lugar. Apesar de se encontrar completamente despovoado, ainda vêem as gentes moças das aldeias vizinhas bailar na cerca do forte nos domingos da Primavera.

Além das referências da tradição local, existe uma notícia sobre o castro num trabalho do General João de Almeida (1). Quanto a nós dedicámos-lhe em 1958 um relatório baseado numa prospecção que então ali afectuámos. A primeira visita que fizemos a este monte foi em 1956, acompanhando-nos o Dr. Arsénio Rodrigues da Silva, juiz do Tribunal do Trabalho da Covilhã. O motivo da nossa escalada era localizar uma epígrafe existente no alto do castro, que segundo a lenda, indica o local de um tesouro. Contudo, a língua em que está escrita é tão misteriosa que nem padres nem doutores são capazes de a decifrar...

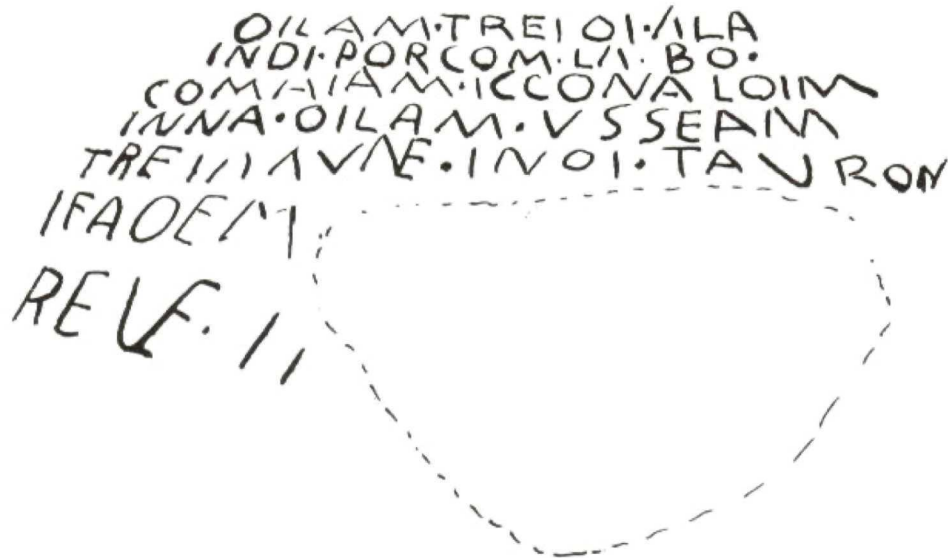
Um pastor mostrara-nos vagamente o sítio, mas se não fossem umas camponesas que andavam ao mato não seria possível encontrá-la.

---

(1) João de Almeida, *Roteiro dos Monumentos de Arquitectura Militar do Concelho da Guarda*, 2.<sup>a</sup> ed., 1943, pág. 47.

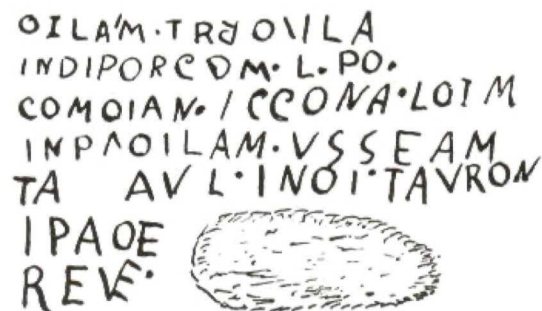
## A INSCRIÇÃO TIPO «PORCOM»

A inscrição foi lavrada numa extensa laje granítica a curta distância do ponto mais alto da elevação, aquele onde se levanta o talegre.



Cópia da inscrição da Lage da Moira seg. o Autor.

A primeira «leitura» mostrou-nos que a tradição tinha razão e que a misteriosa escrita não era língua de vivos... Limitei-me, pois,



Cópia da inscrição da Lage da Moira seg. Pina Tormenta.

a ajudar o Dr. Arsénio a fazer uma cópia do manuscrito, visto não haver condições para tirar uma fotografia.

Verifiquei depois que já havia uma outra cópia da inscrição, feita pelo sr. Brigadeiro Pina Tormenta, quando capitão, citada pelo General

João de Almeida (2). Comparando-a com a feita na altura da nossa visita verificámos que havia divergências.

Em Setembro de 1958 estabelecemos no Cabeço das Fráguas um acampamento com o fim de conseguirmos elementos para o enquadramento cronológico da estância e ainda para a obtenção de uma fotografia da superfície epigráfica. Acompanhavam-me alguns estudantes liceais do 3.º ciclo. Dessa prospecção, a que já nos referimos, demos notícia num relatório publicado na revista da Junta de Província da Beira Alta (3).

Voltamos agora ao assunto para completar as nossas observações, publicando as cópias da inscrição, bem como a difícil fotografia, feita do alto, com a utilização de um palanque (4).

O campo epigráfico encontra-se coberto de musgo, o que reduz a sua nitidez. Tirámos, portanto, duas fotos: uma sem assinalarmos as letras; outra com as letras assinaladas a giz. Depois de reveladas servimo-nos delas como vista de conjunto, para no local fazermos, uma última cópia. O texto deve encontrar-se mutilado, pois a superfície granítica, nas últimas linhas, está picada. Diz a tradição que foi obra de um pesquisador de tesouros, pensando que a riqueza estivesse sob a laje.

#### CLASSIFICAÇÃO

Trata-se de uma inscrição de tipo «*porcom*», assim chamada por nela se encontrar este vocábulo comum a outras da mesma continuidade geográfica, como a de Lamas de Moledo.

Num momento em que tantas discussões levanta a interpretação desta escrita, aqui fica o nosso contributo com mais este documento, cuja primeira fotografia tivemos o prazer de conseguir.

---

(2) Op. cit.

(3) Adriano Vasco Rodrigues, *O Castro do Cabeço das Fráguas e a romanização das suas imediações*.

(4) Quanto à técnica seguimos Kookson. *Photography in Archeology* (A.N.L., vol. 3, n.º 12 e Vol. 4, n.º 1 e 2) e ainda K. M. Kenyon in *Begining in Archeology*, 1952.



## AS ARAS ANEPÍGRAFES

A prospecção havia revelado que o povoado fora abandonado durante o *Segundo Período da Idade do Ferro* e fora destruído pelo fogo, numa época próxima do início da Romanização. Concluimos, por esta razão, que devia haver no vale vestígios de fixação forçada das populações do castro, correspondente ao período da *Pax Romana*. Outro motivo nos levou a procurar esses vestígios, o topónimo *Cabeço das Fráguas*. Este vocábulo significa *fornalha de ferreiro, forja*.

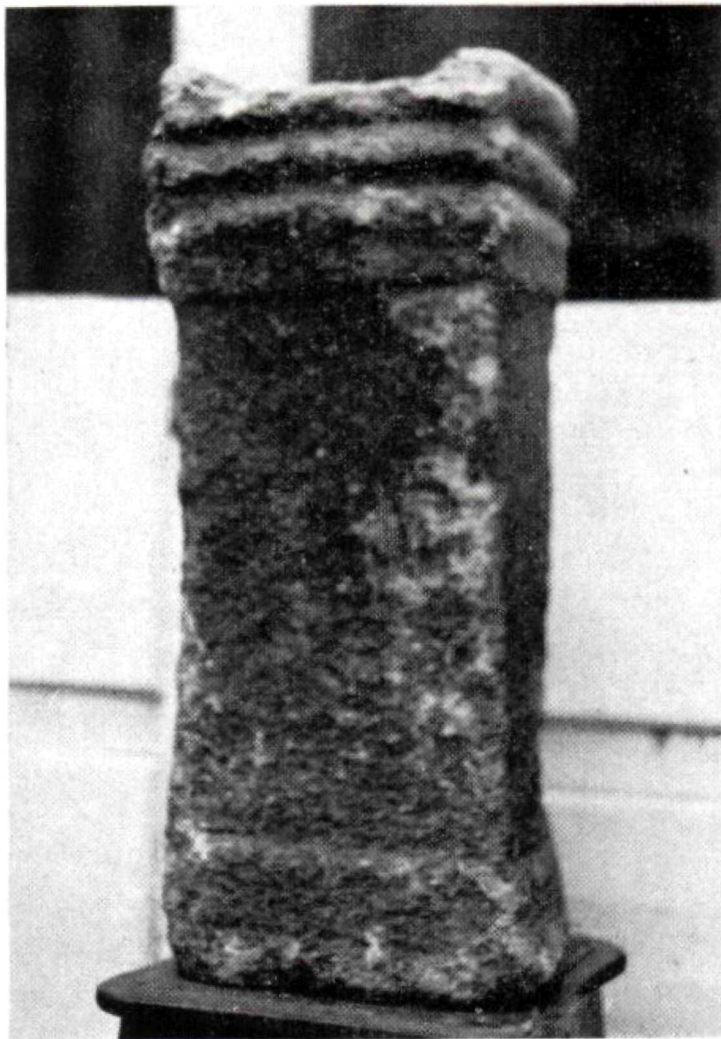
Nas encostas do castro encontramos ricos campos de estanho que mostram ter sido explorados. Estas explorações certamente estão ligadas a uma actividade metalúrgica. O determinativo Fráguas junto da palavra Cabeço indica que este pertencia às forjas e não estas ao Cabeço.

Foi por esta ordem de ideias que descemos ao vale e encontramos abundantes vestígios de romanização, abrangendo uma vasta área, frente à quinta de S. Domingos. Estas ruínas *eram sob o ponto de vista arqueológico completamente ignoradas*. Desta prospecção trouxemos uma *secespita* de bronze e uma *lígula* de cobre e registamos o aparecimento de outros objectos, inclusivamente de uma estatueta feminina de bronze, que teria desaparecido um ano antes da nossa visita. Estes informes foram-nos dados pelo caseiro da quinta. Recoilhemos amostras de escórias de ferro e de estanho. As jornas de ferro chegam a pesar mais de uma centena de quilos e são abundantíssimas.

Nesta prospecção o que mais me impressionou foi o grande número de aras anepígrafes, existentes no sopé do Cabeço. O sr. Manuel de Andrade Pina, caseiro do lugar, ao ver o meu espanto por ver aras a servir de banco e de escaleira, referiu-me que havia ali mais de catorze, grande parte delas utilizadas na construção de um palhal, alguns meses antes. Há-as pequenas com vinte a vinte e cinco centímetros, com *foculus* e *volutas* e também há outras maiores de sessenta e até de setenta centímetros. Nas férias do Natal de 1958 estivemos de novo em S. Domingos com o Dr. Pinho Brandão. Este distinto epigrafista localizou numa parede de uma horta a parte superior de uma outra ara. Ora todas estas aras são completamente anepígrafes, sem qualquer inscrição ou grafitado. É natural que as legendas fossem feitas



Aras anepígrafas encontradas na encosta do Cabeço das Fráguas, na Quinta de S. Domingos. (Fot. do Autor).



Ara anepígrafa da Quinta de S. Domingos (Cabeço das Fráguas). Foto do Dr. Pinho Brandão.





Castro do Cabeço das Fráguas situado a 1.015 m. de altitude (Foto do Autor).



Primeira fotografia da Lage da Moira no castro do Cabeço das Fráguas (Cl. do Autor)



a tinta (5). A existência de tanta ara nas proximidades do sopé é impressionante. Encontram-se numa zona limitada na base do monte e não aparecem na área mais povoada, que se alonga pelo vale. Tratar-se-ia de um santuário? Interessante seria podermos socorrer-nos da escavação arqueológica para esclarecer o mistério desta vasta zona romanizada.

ADRIANO VASCO RODRIGUES

---

(5) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, pág. 502, refere-se às aras pintadas.